



Shakespeare em Quixeramobim

O Ceará vai à escola

Norman Gall



1. O ônibus escolar

O Ceará está empenhado numa das mais ambiciosas reformas do ensino público na América Latina. A crença no desenvolvimento humano e no valor do esforço me levou a visitar salas de aula e a entrevistar alunos, professores e gestores em todos os níveis do sistema de ensino, impressionado pelo surgimento de tantas pessoas talentosas, respondendo a oportunidades e metas claramente definidas. Ainda persistem incertezas, sujeitas às influências políticas que determinarão o futuro desses esforços. No entanto, jovens resilientes já realizam novas conquistas. No futuro, muito vai depender da sua garra e persistência. Neste ensaio vamos analisar as contingências, cheias de desafios, que vão precisar de tempo, esforço e paciência para serem superadas.

O Ceará é uma terra de planícies inférteis e vales ressecados, animados às vezes por súbitas pancadas de chuva, aliviando brevemente o calor para logo secar de novo. A caatinga, coberta de arbustos secos, se ergue às antigas colinas de granito do escudo pré-cambriano. O solo ácido, formado por rochas cristalinas de origem vulcânica, é desgastado pela erosão e pelo sol intenso, por fortes pancadas de chuva e por séculos de pastagem para gado. Manchas férteis isoladas ainda resistem, onde em tempos passados crescia o algodão de fibra longa, que chegou a inspirar,

há pouco mais de um século, um surto de construção de ferrovias, até que ataques da praga do bicudo dizimaram as colheitas. O Ceará é uma terra de adversidade que, mais uma vez, seu povo procura superar. Passa por seu quinto ano consecutivo de seca, com falta d'água em várias cidades.

Abrigadas entre as colinas, à beira de rios sazonais, há cidades e vilas. As cidades estão crescendo. São vilarejos que, começando como postos isolados de troca, tornaram-se refúgios das secas, da servidão e dos bandidos, até finalmente consolidar sua vida política sob a influência instável do governo federal. Após duas décadas de governo militar (1964-1985), surgiu no Ceará uma nova coalizão de forças políticas, acompanhando o renascimento da democracia e o abate da inflação crônica, que impulsionou esse Estado pobre e atrasado para uma nova era de modernização. Um dos principais impulsos dessa modernização é a luta para avançar na escala e qualidade da educação.

* * *

Continua na página 2

Norman Gall é diretor executivo do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial e editor de Braudel Papers. Fotos de Norman Gall.



Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial

Associado à Fundação
Armando Álvares Penteado (FAAP)
Rua Ceará, 2 – 01243-010
São Paulo, SP
Tel.: 11 3824-9633
e-mail: ifbe@braudel.org.br
www.braudel.org.br

Conselho Diretor:

Presidente: Rubens Ricupero
Presidente: Eduardo José Bernini

Membros: Alex Bialer, Felipe Salto, Geraldo Coen, Gilberto Natalini, Idel Metzger, Jayme Garfinkel, John Henry Schulz, José Goldemberg, Luiz Eduardo Assis, Marcos Lisboa, Naércio Menezes, Peter T. Knight, Roberto Macedo e Roberto Teixeira da Costa.

Diretor executivo: Norman Gall
Diretor adjunto: Lourival Sant'Anna
Administradora: Margarida Osório Guimarães

Patrocinadores:

Armínio Fraga Neto
BASF
Bradesco
Escola Beit Yaacov
Fundação Itaú Social
Futurebrand
Itaú
Jayme Garfinkel
O Estado de S. Paulo
Unilever

Braudel Papers é publicado pelo Instituto
Fernand Braudel de Economia Mundial

ISSN: 1981-6502

Editor: Norman Gall
Designer: Givanilson L. Góes
Assistentes de pesquisa: Felipe Lini e
Nicolas Tavares

O velho ônibus escolar, barulhento e chacoalhante, inicia seu trajeto antes do amanhecer na vila de Paus Brancos, percorrendo estradas de terra para levar os alunos pelos 41 km até a cidade histórica de Quixeramobim. Quixeramobim fica no coração do sertão, corruptela da palavra *desertão*, cunhada pelos colonizadores portugueses nos séculos 16 e 17, hoje chamado oficialmente de semiárido, na classificação que descreve a ondulante região que cobre a maior parte do Nordeste. As colinas de granito abarcam inúmeras cavernas, escondendo imagens de animais e caçadores, pintadas há milhares de anos por povos pré-históricos.

O barulho do ônibus velho proclama um triunfo na sua coleta de cerca de 70 alunos de Paus Brancos e das vilas ao longo do caminho. Quando chega a Quixeramobim, deixa os estudantes na nova Escola Estadual de Ensino Profissionalizante Dr. José Alves da Silveira, uma obra-



Vanessa Carmo, Quixeramobim

prima de arquitetura, que virou projeto-padrão. A Secretaria da Educação (SEDUC) replicou o projeto em 57 escolas profissionais do ensino médio em pequenos e grandes municípios em todo o Ceará como um símbolo para mostrar aos nove milhões de cearenses que a educação os levará a conquistar novos níveis de progresso e civilização. Nas cidades do sertão, as novas escolas se tornaram foco de orgulho cívico. Mais ainda, 48 escolas que já existiam foram adaptadas para atender os novos padrões de ensino. Todas dispõem de laboratórios bem equipados, 12 salas de aula com ar-condicionado, auditórios e bibliotecas que se alinham ao longo de corredores com cartazes e murais que exortam “responsabilidade, protagonismo, aprendizagem, perseverança, conquistas, confiança.” O currículo abrange tanto as matérias acadêmicas tradicionais como cursos técnicos, além de estágios de meio período em empresas

e hospitais. Os alunos se organizam ainda em pequenos grupos para ler e discutir clássicos da literatura mundial nos Círculos de Leitura, organizados e guiados pelo Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial.

Entre os estudantes esperando o ônibus estava Vanessa Carmo, de 17 anos, que vibrava com entusiasmo quando anuncia que quer se tornar arquiteta. Sua família mudou-se para Paus Brancos há cinco anos, fugindo da violência de Fortaleza, quando o pai perdeu o emprego. “Tivemos sorte, porque meus pais tinham um pequeno negócio em casa, fazendo bolsas e sandálias,” disse Vanessa. “Minha mãe costurava as bolsas e meu pai cortava e colava o couro para as sandálias, que ia vender na rua.” Vanessa estudou em cinco diferentes escolas de Fortaleza, todas longe de casa. “Minha mãe teve sempre de esperar durante noites inteiras do lado de

fora das escolas para matricular a mim e minha irmã. Meu pai então decidiu que Fortaleza estava ficando uma cidade perigosa, e que seria melhor para todos nos mudarmos para Paus Brancos, onde temos parentes, e a vida é mais fácil. Mamãe e papai agora trabalham em casa, fazendo almofadas e estofando sofás e cadeiras. Meu pai também faz pequenos serviços de eletricitista. Minha irmã e eu estudamos em período integral, das 7 da manhã às 5 da tarde, na nova escola profissional de Quixeramobim, que me transformou numa Vanessa diferente. Acompanho aulas de construção, para me preparar para estudar arquitetura. Eu já lia revistas de arquitetura quando ainda estava no ensino fundamental e desenhava projetos e plantas para a nossa casa. Já sabia bem o que queria como profissão, e comecei a pesquisar universidades e bolsas de estudo.”

Passar num vestibular é só um dos desafios enfrentados por estudantes am-

biciosos. Vanessa ficou em sexto lugar no exame de admissão para o curso de arquitetura, mas não podia pagar a taxa de matrícula. Após se formar no ensino médio, ela entrou num concurso para um emprego na farmácia do novo hospital regional que o governo estadual estava construindo, o que lhe permitiria pagar as despesas universitárias. Mas o hospital ainda não abriu, pela falta d'água causada por quatro anos de seca. Vanessa agora trabalha como vendedora em uma loja de suprimentos médicos em Quixeramobim, para onde vai diariamente de ônibus escolar de Paus Brancos, enquanto estuda administração em um curso à distância via internet.

Acontecem esforços heroicos, na maioria desconhecidos, alguns bem-sucedidos. Sérgio Goes pilota uma moto 48 km por dia, ida e volta, por estradas de terra perigosas, saindo de sua casa na Vila Mel antes do amanhecer para estudar na escola profissional da cidade de Jucás. Um professor da sua vila falou a Sérgio sobre a nova escola. “Visitei a escola de Jucás enquanto trabalhava em uma construção”, disse Sérgio. “Decidi na hora que era lá que eu queria estudar – e fui aceito.” Sérgio persistiu no curso apesar de um ensino fundamental fraco, precisando de aulas intensivas de reforço. “É difícil chegar quando chove, porque as estradas viram lama”, conta ele. “Há 500 famílias na nossa vila. Eu sou o único que vai a essa escola. Teve gente que me disse que eu não ia conseguir, que eu nem teria capacidade, mas minha mãe me estimulou. Depois quero estudar medicina. O corpo humano me fascina. Não me interessam fama ou dinheiro. Quero ajudar as pessoas.” O prefeito de Jucás, nascido na Vila Mel, achou um lugar na cidade para hospedar Sérgio e os outros alunos da roça.

Ruan Martins, 16 anos, sobe no ônibus escolar de Paus Brancos na vila de São Miguel. Ele recebeu uma Bíblia de presente do professor de catecismo. Após lê-la, ‘de capa a capa’, ele entrou na igreja pentecostal Assembleia de Deus. Ruan diz que sua família e os amigos eram contra sua ideia de estudar na escola profissionalizante de Quixeramobim. Porém ele insistia em estudar engenharia e, mais tarde, ir para uma universidade no exterior, com uma bolsa do programa do governo Ciência sem Fronteiras. “Minha família insistia que eu ficasse em São Miguel, mas eu via que eles estavam estagnados, sem progredir na vida”, diz Ruan. “Passei todo o 9º ano estudando para entrar na escola profissional. Tudo o que eu queria era deixar a minha velha escola, onde faltavam laboratórios, uma biblioteca boa, com instrutores de esportes improvisando como professores de ciências. Os professores ensinavam pouco porque sabiam pouco. Nunca entendi porque pessoas tão pouco preparadas escolhem trabalhar com educação. Eles usavam jogos

e brincadeiras só para manter a garotada ocupada. As crianças e jovens conversam o tempo todo na classe e nem prestam atenção nas aulas. Aliás, a maioria deles nem quer estar na escola. São os pais que obrigam, para receber o dinheiro do Bolsa Família.”

Josimar Saraiva, 49 anos, diretora da nova escola profissional de Quixeramobim, nasceu em Paus Brancos antes da chegada dos ônibus escolares, quando ainda faltava energia elétrica e transporte público para ligar a vila à cidade. Quando não chovia, era fome. Os lavradores entraram nas frentes de trabalho, organizados pelo governo, abrindo estradas e açudes. Em 2016 Ruan foi aprovado no vestibular para entrar na prestigiosa Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Josimar cresceu numa casa de taipa. A luz elétrica chegou apenas em 1976. O primeiro transporte público para ir a Quixeramobim foi um caminhão pau de arara, que começou a rodar em 1985. Hoje há um serviço de ônibus regular para a cidade. Há alguns meses a prefeitura de Quixeramobim instalou uma antena de Wi-Fi em Paus Brancos.

“Vivi naquela casa de taipa durante 17 anos e varria o chão de terra da casa todos os dias”, lembra Josimar. “Meu pai caminhava, com baldes presos às costas, para trazer água de uma nascente no sopé da montanha próxima. Trabalhei no nosso pedaço de terra com meus pais. Era muito curiosa: aprendi a ler quando tinha três anos e comecei a estudar no primeiro ano primário um ano depois, mas a professora me mandou de volta para casa logo no primeiro dia, porque eu estava vestida de vermelho e ela achou que eu devia ser comunista. Voltei no ano seguinte, mas a professora ficou brava comigo porque eu já sabia tudo o que ela estava ensinando. Então ela me promoveu para o segundo ano, onde a professora era mais simpática. Terminei o terceiro ano em 1972, e o repeti por mais dois anos, porque eu queria ficar na escola e não havia quarto ano em Paus Brancos. Tive de esperar quatro anos para poder cursar o quarto ano, quando o Sindicato dos Trabalhadores Rurais criou uma nova escola. Meu padrinho era professor. Me deu livros que li naqueles anos, enquanto ganhava um dinheirinho costurando, fazendo bordados e crochê. Em 1983, quando fiz 18 anos, eu pude fazer o quinto ano por um curso de TV que passava em outra vila, a seis quilômetros da nossa. Eu ia a pé, saindo na madrugada. Dois anos mais tarde, comecei a trabalhar como professora, após completar o ensino médio por TV. Daí, passei no curso de admissão para a universidade e fui estudar pedagogia, trabalhando ao mesmo tempo para prefeitura. Trabalhei de bibliotecária. Assim pude ler todos os livros da biblioteca.”



2. Tecnologia do intelecto

A capacidade para ler e escrever textos coloca uma questão existencial no sertão do Ceará e em muitas outras regiões do Brasil. Qual seria o objetivo de alfabetizar a população de cidades como Quixeramobim, onde não há jornais, livrarias, nem mesmo uma banca de revistas? O antropólogo Jack Goody chamou a difusão da alfabetização ao longo dos séculos de uma “mudança radical na tecnologia do intelecto.” Ler não é uma atividade que ocorre naturalmente à mente humana. Aprendemos a ler com um esforço concentrado no decorrer do tempo. Mas a leitura proporciona ao cérebro a capacidade de lembrar e organizar informações e experiências, compartilhadas por indivíduos e comunidades de geração para geração, ampliando a escala e complexidade da atividade humana.

Ganhando mais impulso na década passada, os esforços para vencer o analfabetismo das populações do Ceará envolvem o compromisso de que toda criança deve aprender a ler e escrever nos dois primeiros anos do ensino fundamental. O PAIC do Ceará (Programa de Alfabetização na Idade Certa) foi adotado como política nacional pelo governo federal. O analfabetismo é uma praga antiga nas escolas públicas brasileiras. Uma pesquisa nacional de 2009 mostrou que quase dois terços dos alunos do 5º ano ainda não sabiam ler. No Ceará, a pesquisa de 2004 realizada em 48 municípios do estado, descobriu que 39% dos 8 mil alunos do 3º ano não sabiam ler, enquanto apenas 15% entendiam o que liam. Segundo a SEDUC do Ceará, a porcentagem de municípios que mostram um índice de leitura adequado dos estudantes subiu de 27% em 2007 para 99% em 2010. Um progresso assim poderia ser milagroso, se verdadeiro, mas nossa pesquisa de campo cria dúvidas. Os resultados oscilam muito, com sucessos espe-

taculares em algumas escolas, enquanto outras ficam atrás. Ainda assim, a maioria segue na direção certa. Os avanços são reais.

Um mensageiro desta força misteriosa é Maurício Holanda Maia, 52 anos, um migrante que emergiu do sertão, passando por muitos anos de esforço e aprendizagem, para se tornar Secretário Municipal da Educação em Sobral (2002-2004) e, desde 2014, Secretário da Educação do Estado do Ceará. Nasceu num campo de construção do DNOCS (Departamento Nacional de Obras contra as Secas), que por mais de um século construiu a maioria das barragens e açudes do Nordeste. Em sua carreira passou por muitos empregos, tornando-se, após um longo período, um protagonista na inovação da educação pública. “Precisamos fazer mais”, diz Maurício. “Precisamos fortalecer o currículo dos primeiros anos do ensino fundamental, especialmente em ciência. Precisamos expandir o papel dos estudantes como protagonistas no ensino médio, com maior acesso às universidades, com mais participação política nas suas comunidades. Precisamos criar uma escola de governança para treinar líderes. Também precisamos fortalecer o ensino e o aprendizado da sexta até a nona série do ensino fundamental, que são muito fracos por todo o Brasil.”

O Ceará se tornou uma liderança nacional ao transferir a responsabilidade, pelas escolas primárias, do governo estadual para os municípios. A municipalização do ensino fundamental cresce no Brasil desde os anos 70. Em 2009, 77% das escolas do Ceará já eram administradas pelos municípios, contra 56% de escolas em todo o Brasil. No suporte a esses esforços, novas equipes de assessoria e administração operam, no Ceará por meio de 20 CREDES

(Centros Regionais de Desenvolvimento da Educação), para reforçar os sistemas locais. Os municípios recebem suporte financeiro e técnico para aperfeiçoar o ensino e o aprendizado, passando por frequentes testes e avaliações. Os municípios que mais melhoram o desempenho de suas escolas são premiados com mais dinheiro do governo estadual.

As novas escolas de ensino médio profissional são uma inovação. Ainda que só 45 mil dos 380 mil alunos do ensino médio no Ceará estudem nas novas escolas profissionais, estão abrindo novos caminhos. Muitos alunos do primeiro ano, vindos de escolas de baixo desempenho, precisam de aulas de reforço em leitura, escrita e matemática, para que estejam aptos a cumprir as tarefas do curso. As escolas selecionam os professores por meio de exames e entrevistas que mostram a personalidade e o domínio de sua matéria do ensino. Os professores recebem salários mais altos do que o padrão, por um dia escolar mais longo, que vai das 7h da manhã às 5 da tarde. As outras escolas públicas funcionam em períodos de quatro horas para duas turmas de alunos – uma das 7 às 11 da manhã, outra da 1 às 5 horas da tarde. Desse tempo, menos de duas horas diárias são dedicadas à instrução em classe. Três quartos dos alunos das escolas profissionais públicas vêm de escolas municipais; os demais se originam das escolas particulares de baixo custo numerosas nas comunidades pobres do Brasil inteiro e de muitos outros países em desenvolvimento. O foco das novas escolas é o aprendizado e a expansão dos horizontes dos jovens. As novas escolas do ensino médio profissional representam uma conquista que agora enfrenta desafios de continuidade e de consolidação institucional, para atingir padrões mais elevados de ensino e aprendizagem.

“Em 2007, o governo federal lançou um novo programa, o *Brasil Profissionalizado*, apoiando os estados a expandir as redes de educação técnica”, disse Andréa Araújo Rocha, que supervisionou a criação do novo sistema escolar no ensino médio. “No Ceará, não tivemos programas escolares desse tipo. Poucos modelos serviam para nós. Encontrar professores que garantissem qualidade era, e ainda é, o maior desafio, especialmente nos cursos vocacionais nos pequenos municípios. Surgiram ciúmes nas equipes das escolas regulares, devido as verbas e a atenção dada às novas escolas, criando diferenças enormes e um desafio para nós em produzir resultados.”

As escolas profissionais cearenses de ensino médio parecem, em certos aspectos, às Pequenas Escolas de Escolha criadas em 2001 pela Cidade de Nova York. Ambas ensinam cerca de 400 alunos em cada escola, com taxas de formação muito mais altas do que as escolas regulares. Tanto as escolas do Ceará como as de Nova York estimulam os

alunos a entrar nas universidades. O tamanho reduzido das turmas permite aos professores conhecer bem cada aluno, e possibilita à diretoria monitorar a qualidade do ensino. As escolas de Nova York escolhem os alunos por sorteio, enquanto no Ceará são selecionados segundo as notas no ensino fundamental. Enquanto no Ceará as escolas dispõem de novos prédios espetaculares, as pequenas escolas de Nova Iorque estão instaladas em um só andar, ou parte de um andar, de velhos edifícios que abrigavam até 3 mil alunos. Enquanto o custo por aluno nas pequenas escolas de Nova York e do Ceará é maior que nas escolas regulares, o custo por aluno formado é menor, porque formam mais estudantes.



Maurício Holanda Maia, Secretário da Educação

Bandeiras e faixas nas ruas

Num evangelismo educacional, os alunos das regiões rurais são encorajados, e até pressionados, a prestar os exames para entrar na universidade. O número de formados nas escolas públicas do Ceará que passaram no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) subiu de 700 em 2011 para 2.520 em 2013. Em 2014, os cearenses ficaram em segundo lugar, entre os estados, em notas no ENEM. Com notas altas, centenas de cearenses entraram nas universidades federais de estados vizinhos, morando em residências universitárias, pagas pelo governo federal. Em muitas cidades pequenas do sertão, bandeiras e faixas nas ruas festejam com nomes e fotos dos aprovados. As rádios locais anunciam os vencedores com orgulho. Por que tanto entusiasmo? “É a falta de outras oportunidades”, diz Aline Jacó, líder estudantil do município de Iguatu, que agora estuda Direito com uma bolsa na Universidade Católica de São Paulo. “Ou você entra na universidade ou volta para a roça”, diz ela, “ou entra na massa de jovens que trabalham por baixos salários nas fábricas de calçados e roupas em pequenas cidades do sertão.”

Apesar das novas oportunidades na educação, os estudantes lutam contra tendências adversas. Enquanto as matrículas em universidades dobraram na última década, somente um em cada sete estudantes chega a se formar. Apesar da criação de 18 novas universidades federais no Brasil, com novos cursos universitários nas pequenas cidades do sertão cearense, faltam bibliotecas em muitas dessas, que enfrentam greves de funcionários e faltas frequentes de professores, deixando os alunos sem aula.

Nos recentes anos, a infraestrutura escolar no Ceará teve um desenvolvimento excepcional. As escolas rurais sem água encanada, banheiros e energia elétrica desapareceram do sertão. A maioria delas tem, agora, conexão à rede de internet, laboratórios de informática e equipamento audiovisual. Em Quixeramobim, a vila de Paus Brancos ganhou uma nova escola primária de projeto inovador, para

substituir a antiga onde, há muitos anos, Josimar Saraiva estudou apenas até o terceiro ano.

Uma escola de ensino médio foi aberta este ano na vila vizinha de São Miguel, com um anfiteatro de estilo grego. Sua jovem diretora, Francisca Edna Carlos, começou a lecionar em uma escola rural quando tinha apenas 14 anos de idade. “Eu dava aula no primeiro ano, ensinando as crianças a ler e escrever”, contou Edna. “Eu tinha crianças de diferentes idades e diferentes níveis de aprendizado fazendo exercícios diferentes. Vários dos mais velhos tiveram de repetir o ano mais de uma vez. Havia até um surdo-mudo na classe, com quem eu não conseguia me comunicar de jeito nenhum. Seus amigos, que o entendiam melhor, avisavam quando ele queria ir ao banheiro. Era uma tarefa dura para uma professora de 14 anos, mas eu me apaixonei por ensinar. Educação é redenção. Quase todos os meus alunos são filhos da roça. Precisamos incentivar neles o desejo de ir além das suas limitações.”

Em toda a América Latina, a tarefa de organizar e financiar essas iniciativas continua a ser um grande desafio, parecido com a descrição feita há meio século pelo historiador da América Latina Frank Tanenbaum, da Universidade Columbia.



Josimar Saraiva, diretora

O governo precisa fundar, construir, alugar ou se apropriar de escolas para os 50% - ou mais - das populações que não dispõem delas. Precisa, também, encontrar, educar e convocar, a fim de dobrar, o número de professores hoje existentes e contratá-los, inscrevendo-os nas folhas de pagamento. Precisa ainda imprimir o dobro de livros e cadernos e fabricar o dobro de lápis e lousas. Precisa dobrar o número de inspetores escolares, bibliotecários, funcionários, supervisores, e escolas de treinamento de professores. E tem de fazer isso, e muito mais, com a maior urgência.

Ildevan Alencar, secretário-executivo da SEDUC, encarou o desafio de melhorar a infraestrutura das escolas cearenses. Ele agora dirige o Fundo Nacional para o Desenvolvimento Educacional (FNDE) em Brasília, que tenta melhorar a infraestrutura das escolas de todos os municípios e estados. Ildevan descreve o seu trabalho no Ceará:

Eu era um auditor-fiscal emprestado do Tesouro Estadual desde 2007. Supervisiono a construção e reforma das escolas, a compra de equipamentos, de carteiras a bebedouros, e a contratação de empresas particulares para os serviços de segurança e de lanchonetes. Muito disso envolve dinheiro do governo federal. Em anos mais recentes, gastamos dez vezes mais que em épocas anteriores. No passado, tínhamos apenas três engenheiros para cuidar de 700 escolas, enquanto agora empregamos 39. Quero ver o trabalho sendo feito.

Assim, instalei câmeras de segurança em cada projeto de construção. As imagens são transmitidas diretamente para o meu laptop, em tempo real. Também instruo meu pessoal, ao ir para um projeto, a me enviar fotos a cada 15 dias. Temos 184 municípios no Ceará, incluindo 300 distritos rurais. Quando começamos, em 2007, encontramos uma escola no distrito rural de Santa Quitéria, que funcionava em uma delegacia. Outras funcionavam em uma clínica de saúde pública e numa casa paroquial. Agora temos algumas escolas rurais até mais bonitas do que as das cidades.

A SEDUC está empenhada em três linhas de ação. A primeira é o ensino médio, onde o governo estadual opera 668 escolas, com 500 mil alunos. A segunda é a cooperação com os municípios no ensino fundamental. Antes de 2007, essa cooperação se resumia ao apoio físico, como no serviço de ônibus. Mas esse apoio se expandiu muito, para sustentar e aconselhar o PAIC, para que todas as crianças soubessem ler e escrever ao final do segundo ano. E a terceira linha de ação envolve as escolas profissionais de ensino médio – realização totalmente nova.

Nosso projeto era criar um novo tipo de construções para as escolas profissionais. Encontramos um projeto arquitetônico esquemático, jamais realizado, para uma escola técnica no estado do Rio Grande do Norte. Conseguimos permissão do MEC para adaptar o projeto para uso no Ceará. O MEC pagou a construção de 20 dessas novas escolas, e o nosso governo do estado construiu mais 32 com nosso próprio dinheiro. O MEC ficou tão satisfeito com o resultado que financiou a construção de mais 24 escolas profissionais. Batizou o projeto oficialmente como Padrão MEC para aplicação em todo o Brasil. Mas apenas três dessas escolas foram construídas em outros estados.

O ônibus escolar vai a Paus Brancos todas as manhãs graças ao programa do governo federal *Caminhos da Escola*, que desde 2007 doou 12 mil ônibus, 674 barcos e 6.400 bicicletas para transporte de alunos rurais em três quartos dos 5.570 municípios brasileiros. Este é um dos vários programas federais para construção de escolas, merenda escolar, horas extras de aula e ensino para crianças com necessidades especiais, e pagamento para salários e treinamento de professores. Em outro programa federal, alunos graduados por escolas públicas qualificadas recebem bolsas de estudo para cursar universidades particulares. Na década passada, o custo para o governo federal com esses programas, em termos reais, aumentou cinco vezes.

Apesar dessas iniciativas, muitas delas novas, o desempenho das escolas e alunos brasileiros continua em geral baixo. Eles enfrentam problemas de escala, desorganiza-

ção e motivação, com as responsabilidades dispersas entre os níveis de governo local, estadual e federal, o que deixa as autoridades políticas indecisas ao se depararem com a questão se a finalidade principal do ensino público seria ensinar crianças ou dar trabalho para adultos. Ainda assim, a vergonha e a ansiedade provocadas pelos fracassos do Brasil no ensino público levaram os governantes a promessas exorbitantes. Prometeram aplicar na educação os lucros provenientes das descobertas de jazidas gigantescas de petróleo, sob as águas profundas do Atlântico Sul. Os políticos também falavam em aumentar os investimentos nas escolas e universidades para 10% do PIB, nível poucas vezes alcançado na história mundial do desenvolvimento da educação. No entanto, a Petrobrás foi quebrada por um dos maiores escândalos de corrupção dos tempos modernos, com sua produção estagnada e bilhões de dólares roubados por políticos e construtoras. Mergulhado agora em uma grave crise fiscal, o Brasil está cortando os gastos com a educação. Os fundos federais não são transferidos, forçando os municípios a encurtar o ano escolar, demitir professores e negligenciar a manutenção e reparos nas escolas.

As escolas municipais formam o núcleo do sistema de ensino público, absorvendo 55% das matrículas primárias, com o ensino médio designado pela Constituição como esfera dos estados. Especialmente nos municípios menores, os prefeitos e vereadores exploram as escolas como fonte principal de apadrinhamento político com a contratação de professores, zeladores, seguranças e pessoal de limpeza e da merenda.

Esse foi o desafio de Antônio Amaury Oriá Fernandes, 60 anos, até recentemente secretário municipal de educação de Quixeramobim. Amaury é professor universitário com doutorado em criação animal pela Universidade Estadual de Oklahoma. Foi nomeado pelo prefeito para manter a paz entre políticos que brigam por acesso ao orçamento da educação. “Nós temos três problemas básicos”, contou Amaury. “O primeiro é a pressão política dos vereadores, que querem indicar pessoas não qualificadas como diretores das escolas. O segundo é o orçamento. Gastamos 45 milhões de reais anualmente para manter 15 mil alunos e mil professores em 80 escolas municipais, num gasto médio de 3 mil reais por aluno. Dois terços desse dinheiro vem do governo federal, pagando o salário de todos os professores, além de 8 milhões de reais gastos com os ônibus e os 6 milhões para merenda dos alunos. O terceiro problema é que não podemos fechar escolas quase vazias porque as matrículas caíram pela metade, por causa das migrações e quedas nas taxas de nascimentos. Temos 30 escolas em 15 colônias de reforma agrária com menos de 50 alunos em cada uma, ocupando uma ou duas salas de aula. Tentamos transferi-los para escolas maiores, com melhor

infraestrutura e melhor ensino, mas as famílias resistem, dizendo que ter uma escola dá prestígio à comunidade. O PAIC mostra pouco progresso e precisa ser aperfeiçoado. As novas escolas profissionais são bonitas, mas vamos ver o que acontece com elas depois das próximas eleições.”

As escolas de Quixeramobim estão na média nas avaliações estadual e nacional, segundo os testes padronizados, ficando no terço superior entre todos os municípios brasileiros na recente avaliação de oportunidades educacionais. Nas décadas recentes, a pobreza extrema reduziu muito. A parcela que vivia com renda mensal inferior a R\$140 caiu de 82% da população de Quixeramobim em 1991 para 38% em 2010, graças principalmente às transferências financeiras do governo federal. Também o apoio federal na educação permitiu que a porcentagem de adultos que terminaram o ensino fundamental subisse de 11% em 1991 para 40% em 2010, enquanto o número de jovens de 18 a 20 anos que terminaram o ensino médio aumentou de apenas 2% em 1991 para 35% em 2010.

Uma das surpresas nas eleições para presidente e governadores de outubro de 2014 foi a vitória da chapa apoiada pelo governador anterior, Cid Gomes (2007-14), engenheiro civil e um dos poucos líderes brasileiros de sua geração a levantar a bandeira da reforma da educação como sua principal causa. Como prefeito de Sobral (1997-2004), Cid realizou uma das reformas de escolas municipais de maior sucesso do país. Durante seus oito anos como governador, aplicou a mesma estratégia de reforma no estado, encerrando seus dois mandatos com aprovação de 80%.

Impedido pela Constituição de concorrer a um terceiro mandato, Cid criou alianças para eleger seu sucessor, escolhido a dedo. Apoiado por uma coalizão de 18 partidos, o candidato de Cid, Camilo Santana, jovem e pouco conhecido legislador estadual, veio de um último lugar nas pesquisas para vencer por larga maioria nas cidades onde o estado havia construído as novas escolas profissionalizantes. A candidata a vice-governadora, Izolda Cela, foi a secretária de educação de Cid. A presidente Dilma Rousseff conquistou a reeleição por estreita margem, graças à grande votação no Nordeste, incluindo 81% dos votos em Quixeramobim e 77% no Ceará, ajudada pelos aumentos nas transferências financeiras para pessoas e governos locais nos anos recentes. A renda per capita no Ceará continua abaixo do salário mínimo nacional, que, nos últimos anos, subiu muito mais depressa do que a inflação e o crescimento econômico. O perfil de educação do eleitorado conta sua própria história: 64% dos eleitores do Ceará e 58% do total do Ceará jamais terminaram o ensino fundamental. Ainda assim, entre os adultos jovens de 18 a 29 anos, o nível de escolaridade no Ceará praticamente dobrou, che-

Pátria Educadora: sete ministros da Educação em cinco anos

gando a 9,4 anos nas duas décadas passadas, média que engloba uma variedade de iniciativas e experiências.

Nos últimos cinco anos, a política perturbada hospedou sete ministros da Educação. Cid Gomes foi, por pouco tempo, ministro da Educação no novo governo de Dilma Rousseff, que foi reeleita em 2014. Cid foi nomeado em reconhecimento por seu apoio a campanha de Dilma e pelo prestígio conquistado com suas reformas escolares como prefeito de Sobral e como governador do Ceará. No seu discurso de posse, Dilma proclamou que o Brasil se tornaria uma Pátria Educadora, com o desenvolvimento da educação a principal bandeira política dos próximos anos. Junto com o resto da população, Cid ficou surpreso com o anúncio da Pátria Educadora. Ele sabia que o governo federal estava sem dinheiro, graças a ganância que atingiu seu auge em 2014. No entanto, Cid mergulhou em seu novo cargo, cheio de planos, mas ele durou apenas 10 semanas que terminaram num espetáculo de controvérsia e recriminação.

Cid é um fumante compulsivo, de pavio curto, dado a surtos de ironia ácida. Cid provocou sua demissão como ministro da Educação ao dizer, numa reunião em Belém do Pará, que a Câmara dos Deputados em Brasília abriga cerca de “300 a 400 achacadores”. O presidente da Câmara, Eduardo Cunha, cobrou o insulto, repetido por Cid numa sessão dos Deputados, exigindo à presidente Dilma a demissão de Cid, que Cunha anunciou durante a sessão enquanto Cid continuava trocando insultos com Cunha. A saída de Cid deixou a “Pátria Educadora” em frangalhos, apesar de continuar como peça central da propaganda oficial.

Antes de sua saída, Cid aumentou o salário dos professores, seguindo o Plano Nacional de Educação aprovado pelo Congresso. Ele também propôs um exame nacional de certificação de professores, apesar da oposição dos sindicatos às avaliações. “Desde que os estados e municípios têm problemas organizando testes

de qualificação, periodicamente o ministério da educação pode fazer isso por eles em grande escala numa base voluntária, autorizando estados e municípios a usar estas avaliações como um registro nacional de professores competentes,” diz Cid. “Proponho também um teste de qualificação nacional para diretores, que seria mais barato, já que existem 2,1 milhões de professores no Brasil mas poucos diretores.”

Cid propôs utilizar internet para realizar o ENEM, que serve de vestibular para entrar em muitas universidades. “O ENEM examina cinco áreas: escrita, linguagens, matemática, ciências da natureza e ciências humanas,” diz Cid. “Se nós tivéssemos um banco de dados de perguntas para estas áreas, exceto para a escrita, checada e aprovada por painéis de peritos, isso poderia se tornar uma estrutura para a preparação do estudante para o ENEM. Este seria o primeiro passo. O segundo seria, ao invés de organizar uma mobilização em grande escala para dar o mesmo exame na mesma hora em todo o Brasil, poderíamos criar salas seguras para provas com computadores onde os estudantes poderiam fazer o ENEM sem limite de tempo. Como as perguntas viriam aleatoriamente de um banco de dados, o estudante e a pessoa sentada ao seu lado fariam provas diferentes.”

Durante o ano de 2015, as promessas extravagantes sobre educação sofreram choques de realidade, com drásticos cortes de orçamento em meio à desordem fiscal, escândalos de corrupção e o aumento da inflação e do desemprego. Cid e Dilma foram culpados pelo excesso de criatividade na contabilidade pública. As autoridades de educação do Ceará lutaram para pagar os salários dos professores, dependendo das transferências federais reduzidas. Esta confusão testa a vontade deles para melhorar a qualidade da educação básica. O papel fundamental do governo federal no desenvolvimento e sustentação do ensino público e privado no Brasil, em todos seus níveis, será examinado numa edição futura de *Braudel Papers*.

3. Shakespeare em Quixeramobim

O povoado de Quixeramobim surgiu há cerca de 300 anos, no cruzamento de caminhos de rebanhos que seguiam os leitos de rios sazonais até chegar a vilas da costa que produziam charque que era enviado às distantes fazendas de cana e minas de ouro que, naqueles dias, impulsionavam o desenvolvimento econômico do Brasil. Os caminhos do gado acabaram transformados em rotas para trens de mulas, espalhando pelo sertão diversos negócios que apressaram a criação de comunidades. Pousadas, tabernas, lojas rústicas e capelinhas cresceram ao longo desses caminhos, especialmente nos cruzamentos, criando os incipientes núcleos da vida urbana.

Quixeramobim, hoje, é um município em expansão, com uma população de 77 mil habitantes, metade dos quais vivem em locais urbanos. Jegues e motocicletas se cruzam nas ruas calçadas de pedras, onde se alinham árvores de acácia. Postos de gasolina, motéis, bares e cantinas, lojas para a venda de material de construção e suprimentos para as fazendas enchem os dois lados da estrada dando acesso a cidade. “Não faz muito tempo, o Ceará era conhecido como terra de anões, porque o povo era desnutrido”, lembra o prefeito Cirilo Pimenta. “Agora, seis mil habitantes do município recebem aposentadorias, 3.500 são empregados públicos e 11 mil famílias recebem men-

salmente os pagamentos do programa Bolsa-Família.” Praticamente todos os alunos de escolas públicas no Ceará são de famílias de baixa renda, o que as qualifica para receber esse auxílio.

Até a chegada da crise político-fiscal, Quixeramobim e outras cidades do sertão gozaram de uma prosperidade sem precedentes, com níveis recorde de emprego, concentrados na faixa de empregos de baixa qualificação, na área do governo, de serviço, varejo, e nas fábricas de roupas e sapatos, isentas de impostos. O salário mínimo brasileiro

duplicou, em termos reais, desde 1999, e o gasto per capita de cada família aumentou 18% de 2003 a 2009. Taxas decrescentes de natalidade e a ampliação do ensino para os jovens também ajudaram a reduzir a desigualdade. Mesmo as famílias mais pobres estão gastando mais, em telefones celulares, remédios, produtos de beleza, aparelhos domésticos e motocicletas, graças a uma expansão do crédito no país, que começou a encolher nos últimos meses de 2014. “A ampliação da educação gerou quase 20%

do aumento dos salários para os trabalhadores das famílias mais pobres”, observou Naércio Menezes Filho, analista de políticas sociais. “A maior criação de empregos foi na área dos que recebiam até dois salários mínimos por mês. Para criar empregos de maior qualificação, precisamos melhorar a qualidade da educação, a fim de que as empresas possam inovar e depender menos dos favores do governo.” As dúvidas sobre uma continuidade do fluxo de dinheiro do governo federal para as cidades do sertão nos atuais níveis gera um sentimento de fragilidade nas pessoas, apesar dos claros sinais de melhoramento econômico.

Nos tempos antigos, Quixeramobim foi uma das poucas vilas do sertão com uma escola primária. Em 1845, só 30 escolas de ensino fundamental funcionaram no Ceará, com apenas 1.332 alunos. Um desses alunos de Quixeramobim era Antonio Vicente Mendes Maciel (1830-97), que mais tarde ficou famoso como o pregador itinerante Antonio Conselheiro, líder de milhares de sertanejos que criaram uma Nova Jerusalém, em Canudos, no sertão da Bahia. Com receio de uma revolta popular, o governo da nova República enviou o exército para massacrar Antonio Conselheiro e seus fiéis, em 1897, após três tentativas fracassadas de conquistar Canudos, cuja população cada vez maior de devotos estava causando falta de mão de obra na Bahia. Essa história foi contada no livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, engenheiro militar que foi repórter da guerra de Canudos, fazendo de Antonio Conselheiro

um herói-mártir da literatura brasileira numa história contada e recontada em romances, contos, poemas e filmes. Quixeramobim reforçou seu legado histórico nos anos recentes, celebrando a epopeia de Conselheiro num festival anual. Numa rua comercial da cidade, surge o esqueleto do monumento ao herói local, com as paredes decoradas com baixos relevos ilustrando cenas de Canudos. Disputas políticas locais e falta de verba deixaram o memorial de Antonio Conselheiro inacabado.

O espírito de William Shakespeare, silencioso e invisível,

entrou na velha casa do Conselheiro na praça de Quixeramobim. Os alunos da nova escola profissional sentam no chão da casa, formando um Círculo de Leitura para ler em voz alta uma tradução em português de *Macbeth*. Depois eles assistiram ao filme de Orson Welles, de 1948, e a seguir um DVD da ópera de Verdi. Os alunos encenaram a peça no auditório da escola, vestidos com trajes medievais improvisados. Mais tarde, falaram de um projeto mais ambicioso – uma adaptação de *Macbeth* em cenas e trajes que

narrariam as guerras de clãs do sertão. Na adaptação, o Rei Duncan seria o prefeito da cidade, mandando até ser assassinado. Os nobres seriam os fazendeiros, e os soldados, os capangas. As feiticeiras surgiriam dos arbustos secos e torcidos da caatinga, em vez de sair da névoa gelada das planícies da Escócia, para gritar suas profecias enganosas.

A questão da legitimidade política impregna todas as tragédias de Shakespeare, assim como os conflitos no Ceará. As guerras de clãs do Ceará são de um gênero que Shakespeare conhecia bem e narrou em *Macbeth*, *Júlio César* e *Rei Lear*, e nas histórias da Guerra das Rosas, seis séculos antes na Inglaterra, entre os clãs de York e Lancaster. Na Verona de *Romeu e Julieta*, bem como em outras cidades italianas da Renascença, as brigas entre clãs rivais eram tão brutais e sanguinárias que as autoridades municipais cediam poderes de governo a nobres de outras cidades – um *podestá*, que em geral governava por apenas seis meses, acompanhado por quatro juízes e 24 cavaleiros que ele trazia. Para preservar sua imparcialidade entre as facções rivais, o *podestá* era proibido de comer ou beber na companhia de cidadãos locais.

Os frágeis municípios do sertão não podem se dar ao luxo de contratar um *podestá*. Precisavam confiar nas duas forças policiais estaduais, que raramente cooperavam entre si. A Polícia Militar deve manter a ordem pública, enquanto a Polícia Civil faz investigações. E a rivalidade entre as duas forças policiais é tão acirrada que os governadores fre-



Retrato em xilogravura de Antonio Conselheiro

quentemente nomeiam seu próprio *podestá*, um delegado da Polícia Federal vindo de fora do Estado, encarregado de manter a ordem e conseguir cooperação entre as duas polícias.

A violência aumentou no sertão à medida em que secas sucessivas reduziam os rebanhos e donos de terras mobilizavam seus bandos de peões e jagunços em disputas envolvendo rivalidades políticas, roubo de gado, conflitos sobre terras, acesso à água e defesa da honra familiar. Camponeses sem terra andavam sem rumo, pedindo comida, trabalho ou um lugar para morar. No meio dessa confusão, bandidagem e movimentos religiosos milenários emergiram como forças poderosas, chefiados por assaltantes e pregadores legendários.

Na última década, o número de assassinatos a bala no Ceará cresceu quase quatro vezes, com dois terços das vítimas sendo homens jovens entre 15 e 29 anos. Esse auge de matanças fez do Ceará o segundo estado mais violento do Brasil, com 45 homicídios por 100 mil habitantes, cinco vezes maior que a taxa mundial de homicídios, estimada pela Organização Mundial de Saúde em 8,8 por 100 mil pessoas.

Cidades grandes com altas taxas de homicídio são sempre mais pobres em ensino e aprendizagem, com dificuldades na gestão da escala de seus desafios. A área metropolitana de Juazeiro do Norte (população: 450 mil) é um empório de turismo religioso e de comércio, com alta renda per capita, criadouro da violência e dos escândalos de corrupção, com baixos níveis de aprendizagem nas escolas. O exemplo mais flagrante dessa distorção é Fortaleza, com 2,6 milhões de habitantes e desigualdades extremas de renda pessoal. O desempenho de Fortaleza no campo da educação está entre os 40% mais baixos de todos os municípios brasileiros. O número de assassinatos triplicou

desde 2004, elevando a taxa de homicídios para 79 por 100 mil, quase todos por arma de fogo, a mais alta entre as grandes cidades brasileiras.

Os padrões de violência no sertão são desiguais. Alguns municípios são tranquilos, enquanto outros são cronicamente traumáticos, sofrendo conflitos políticos e atividades de gangues criminosas. Uma reportagem de Leonêcio Nossa, do jornal *O Estado de S. Paulo*, documentou 1.133 assassinatos políticos no Brasil de 1979 a 2012, a maioria deles (638) no Nordeste, crescendo nos anos recentes, com picos durante as campanhas eleitorais municipais. Os municípios são as unidades básicas da política, movidos a favores e coerção, especialmente nas comunidades mais pobres que pouco produzem além de votos. As autoridades federais e estaduais mostram pouco interesse em controlar a violência nesses municípios, cujos prefeitos desempenham importantes papéis nas redes de alianças políticas.

O aumento dos homicídios no Ceará, e no Nordeste em geral, choca com a tendência que, ao longo dos séculos, reduziu a violência civil nas sociedades complexas. Nos 800 anos passados, os homicídios na Europa Ocidental, por exemplo, caíram de 80 por cada 100 mil habitantes – mais do que em El Salvador e na Venezuela de hoje –, para os níveis atuais, mais civilizados, cerca de uma ou duas mortes por 100 mil.

As lições de Shakespeare sobre legitimidade política e violência são relevantes ao futuro da educação no Ceará, que depende da melhoria da ordem pública. Embora os governos estaduais do Ceará tenham investido na educação, o problema da violência foi negligenciado. A educação precisa de mais estabilidade institucional para se desenvolver, ampliando os níveis de confiança e produtividade. Este é o desafio para os próximos anos.

As Gaivotas do Ceará

Maria Aparecida Lamas

Se chamam Gaivotas. Os participantes nos Círculos de Leitura vêm de todo o Ceará. Vêm desde Camocim e Fortaleza no litoral, das serras de São Benedito e dos sertões de Crateús, Quixeramobim e Juazeiro do Norte. Alunos do ensino médio se identificam com o personagem Fernão Capelo Gaivota. Transmitem para outros jovens a paixão para saber mais com a leitura dos clássicos.

Muitas gaivotas aprendem a voar mais alto nas escolas públicas do Ceará. Nos Círculos de Leitura, seguimos a gaivota-herói da história de Richard Bach: *Fernão Capelo Gaivota*. Nasceu num bando de aves que viviam de restos. Banido por voar alto demais, ele volta para ensinar tudo o que aprendeu. A história de Fernão se tornou o texto favorito dos Círculos de Leitura no Ceará, em que os alunos em

grupos leem em voz alta, numa discussão animada por ambição, curiosidade e paciência, na qual estudantes de alto potencial se revelam nas pequenas cidades do sertão. Os Círculos de Leitura tentam superar nas escolas o que o filósofo Renato Janine Ribeiro, ex-ministro da Educação, chama de “a maldição da falta de curiosidade, diligência e zelo, que limita o futuro de muitos jovens.”

Uma inovação. Original e simples

Como explica o embaixador Rubens Ricupero, ex-ministro da Fazenda do Brasil e presidente do Instituto Braudel, os Círculos de Leitura “são uma inovação na educação, tanto original como simples, envolvendo os jovens não como indivíduos, mas como comunidade, transmitindo conhecimento ▶

do jeito mais antigo, através de histórias e textos lidos em voz alta; não qualquer texto, mas sim os clássicos. Eles não são apenas para especialistas, mas para todos nós. Não são difíceis, mas simples e ricos em sabedoria, e a melhor leitura para os jovens não é isoladamente, mas em pequenos grupos, ouvindo, perguntando e discutindo o significado dos trechos, prestando atenção aos gestos e entonações, aprendendo a respeitar um ao outro e ajudar a eles mesmos se reinventarem.”

Fruto de uma parceria inicialmente firmada entre a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (SEDUC) e o Instituto Fernand Braudel, o Programa Círculos de Leitura está presente no Estado do Ceará desde 2012.

O Círculos de Leitura foi criado por Catalina Pagés, filósofa e psicanalista. Nos grupos, os jovens são apresentados à literatura universal, ao mesmo tempo em que são preparados para repassar esse conhecimento para outros jovens. De uma forma espontânea e prazerosa os jovens descobrem o gosto pela leitura, discutindo e refletindo em grupo. Nesse exercício de pensar e dialogar, a partir da leitura de grandes obras, são desenvolvidos valores que apontam para uma visão solidária, responsável e transformadora, e assim são descobertos, entre os participantes, jovens com perfil para se tornarem futuras lideranças.

Leem juntos a Odisseia, peças de Shakespeare como Otelo e Romeu e Julieta, os contos e romances de Dickens, Dostoiévsky e García Márquez, além de Machado de Assis, Guimarães Rosa e Graciliano Ramos.

Bianca Melo, aluna da Escola Profissional Rita Matos Luna, de Jucás, fala sobre seu trabalho como multiplicadora: “No grupo, todos leem e ficam à vontade para falar, o que não acontece muito na sala de aula. Nos grupos criamos um vínculo muito forte entre nós e com os livros. Todos se ouvem e respeitam a opinião dos outros.”

O programa começou em 21 escolas de tempo integral em 2012. No final de 2013, quando acompanhava uma formação intensiva com jovens e professores, o secretário Maurício Holanda, da Educação, foi abordado por um grupo de multiplicadores que lhe expuseram o desejo de levar os Círculos de Leitura também para as escolas regulares. Os jovens falavam entusiasmados sobre a sua vivência nos Círculos. Contaram dos avanços alcançados na leitura e escrita, fortalecendo a autoestima. Diziam que os Círculos precisam ser levados também as escolas regulares.

A partir de 2014, as escolas profissionalizantes veteranas escolheram um colégio regular próximo para multiplicar os Círculos, e 15 escolas regulares foram incorporadas. Ofereceu aos jovens mais uma oportunidade de desenvolverem o protagonismo e o potencial de liderança. Os Gaivotas crescerem em números e habilidades. Hoje atuam em 52 escolas, em 34 cidades, com 7 mil alunos participando. Os jovens do Ceará têm vencido as barreiras econômicas e geográficas e estão escrevendo uma página nova na história da evolução social.

Como coordenadora pedagógica, acompanho os jovens veteranos, formando as equipes que iniciam e monitoram os Círculos em novas escolas. Vamos até cidades mais afastadas onde o acesso é difícil. Às vezes, chegamos a ficar mais de 3 horas esperando por um transporte, em um

ponto sem abrigo para o sol. Mas vale a pena. Descobrimos jovens de alto potencial que encontram nos Círculos apoio para desenvolverem suas habilidades. Recebo mensagens via Whatsapp, Facebook e email, de Gaivotas contando que ingressaram na universidade. Querem continuar atuando nos Círculos voluntariamente para ajudarem outros jovens a realizarem seus sonhos. Vários desses jovens nasceram na roça. Serão os primeiros em suas famílias a completar o ensino médio e superior.

Livya Wana Duarte, ex-aluna da EEEP Adolfo Ferreira Lima, de Redenção, é uma das formadoras voluntárias. Wana saía de casa toda manhã às 4h30 na traseira de um caminhão para a escola. “Nos Círculos, deixei minha timidez para atrás ao tornar multiplicadora. Melhorei minha escrita e leitura, o que me ajudou a obter uma nota mais alta no vestibular.” Ela cursa Engenharia de Energias na Unilab, uma universidade afro-brasileira criada recentemente. Sempre que pode, Wana participa das formações regionais dos Círculos de Leitura, viajando para outras cidades do sertão, treinando novos estudantes para serem multiplicadores.

José Hiago, ex aluno da EEEP Virgílio Távora no Crato, agora cursa enfermagem na Universidade Regional do Cariri. Também atua como formador voluntário dos Círculos. Participou de um intenso calendário de formações regionais e conta: “Em 2015, durante quatro semanas, fizemos 15 formações, em regiões diversas, em cidades do sertão, como Tabuleiro do Norte, Barbalha, Jaguaribe, na região serrana, como Bela Cruz e São Benedito, e na metrópole de Fortaleza. As formações duraram três dias, na própria escola. Apenas dois técnicos do Instituto Braudel participaram. O restante, eram oito multiplicadores. Todos aproveitaram suas férias ou recesso acadêmico para contribuir com os Círculos.”

Assim o povo aprende

A partir de 2014, o trabalho dos Círculos de Leitura foi reforçado com o apoio da Fundação Itaú Social para formar professores na metodologia. Participam de formações intensivas em que leem clássicos da literatura, assistem a filmes e discutem em profundidade os temas e os contextos históricos e culturais das obras, além de aprender e praticar a metodologia. Participam não apenas professores, mas também diretores e técnicos das coordenadorias regionais de ensino. A diretora Antonia Cyra Arrais, da EEEP Governador Virgílio Távora, afirmou: “Os Círculos nos ajudam muito. Com eles, os jovens aprendem a se responsabilizar por si e pelo outro. E é muito bom que a gente possa ter cada vez mais professores preparados para levar essa metodologia para outras escolas, para que elas possam se beneficiar como nós nos beneficiamos lá na Virgílio Távora. E para nós é um orgulho muito grande ver jovens que além de terem ingressado na universidade com destaque, estão aqui hoje como formadores de outros jovens e professores.”

Assim o povo aprende. Assim as limitações do isolamento e a pobreza são vencidas. Assim atingimos um novo patamar na qualidade da vida e de nossas instituições.

Maria Aparecida Lamas é coordenadora dos Círculos de Leitura.

4. Começando em Sobral

O município de Sobral (população: 200 mil), no extremo norte do Ceará, está realizando uma reforma da educação primária nas duas últimas décadas que serviu de modelo para outras comunidades. A estratégia e os métodos desenvolvidos em Sobral são aplicados na reforma em nível estadual no Ceará, com os mesmos quadros de liderança. Em 2015, Sobral se classificou em primeiro lugar em oportunidades educacionais entre todos os municípios brasileiros.

Como Quixeramobim, Sobral surgiu como vila no cruzamento de trilhas de gado, nos séculos de colonização. Diferente de outras comunidades do sertão, em Sobral surgiram fabricas e ligações ferroviárias, com o algodão já processado sendo enviado para o porto vizinho de Camocim. A arquitetura estilo *belle époque* dessa época de prosperidade sobrevive no centro da cidade. No entanto, a pobreza e a ignorância acompanharam o crescimento da cidade. A renda per capita de 60% da população consistia em menos da metade do salário mínimo. Em 1996, 83% dos alunos em Sobral, estavam pelo menos dois anos atrás da série escolar certa para a idade, mostrando a repetição endêmica de ano e as deficiências no ensino, comuns na educação pública brasileira. Mas, nos anos recentes, Sobral mostrou o que uma rede escolar municipal motivada e bem administrada poderia conquistar.

Uma família de sucesso político

O sucesso da reforma escolar em Sobral dependia da concentração do poder municipal numa família de sucesso político. Dois ancestrais de Cid Gomes foram prefeitos de Sobral no século 19. O pai de Cid, José Euclides Ferreira Gomes também foi prefeito de Sobral (1977-83), e nomeou sua esposa Maria José, professora, como secretária da Educação, uma prática comum nos pequenos municípios. Duas décadas depois, seu filho, Cid Gomes, aos 33 anos, venceu a eleição para prefeito de Sobral em 1996, com 64% dos votos, sucedendo a um prefeito afastado por corrupção. Ciro Gomes, irmão mais velho de Cid, iniciou sua carreira política no partido conservador que apoiava o regime militar, migrando depois consecutivamente para sete partidos diversos, junto com irmãos mais jovens, enquanto servia como prefeito de Fortaleza (1989-90), governador do Ceará (1991-94), ministro das Finanças do Brasil (1994), e ministro da Integração Nacional (2003-2006), concorrendo duas vezes à presidência em 1998 e 2002. Recentemente, Ciro foi secretário da Saúde no governo estadual do irmão. Ivo Gomes, 48, o irmão mais moço, estudou em Harvard antes de servir como secretário da Educação em Sobral,

quando Cid era prefeito, e depois, chefe de gabinete de Cid no governo estadual, e secretário municipal da Educação de Fortaleza. A cooperação entre os irmãos lhes proporcionou altos índices de aprovação nas pesquisas de opinião pública, e ressentimento dos políticos rivais. Mas, apesar disso, eles puderam fazer algumas das mais importantes reformas no ensino já vistas no Brasil, mobilizando uma rara combinação de persistência e profissionalismo.

Julio César da Costa Alexandre, atual secretário de Educação de Sobral, fala em uma “Mão Invisível” na gestão escolar, variando do provérbio do filósofo Adam Smith (1723-1790) sobre a eficiência dos mercados. Segundo Julio, essa Mão Invisível unifica uma rede de desafios, incentivos e cooperação que cria um senso de propósito e solidariedade nas escolas e outras instituições. “A Mão Invisível é o desafio”, diz ele. “É a cultura que se desenvolve na escola. A força motora dessa cultura é a vontade, que as crianças podem aprender a ter. Essa cultura envolve autonomia nas escolas, para que os diretores possam economizar em despesas de rotina para poder comprar uma fotocopiadora, para que os alunos tenham materiais de ensino mais variados e interessantes, para contratar tutores que ajudem crianças com dificuldades de aprendizado.”

Como em muitas pequenas cidades brasileiras, a politicagem governava as escolas municipais de Sobral, sem padrões de desempenho. As escolas tinham cerca de 25 mil alunos, além de cinco mil crianças em creches e pré-escola. Os prefeitos nomearam parentes para postos chave na rede escolar, refletindo uma falta de confiança e de capital humano dentro do sistema político. Cid nomeou a prima Ada Pimentel como secretária da educação, em seu primeiro mandato de prefeito (1997-2000), trocando-a pelo irmão mais moço, Ivo, no segundo mandato (2001-04).

“Criamos um novo sistema escolar nesse primeiro mandato,” diz Ivo, que se tornou o principal assessor de Cid durante o tempo em que ele foi prefeito de Sobral e, depois, governador do Ceará. “A infraestrutura física das escolas estava em ruínas. Construímos novas escolas e reformamos outras, com novos equipamentos para todas. Criamos um sistema de mérito na contratação de novos professores e diretores, com exames, entrevistas e observação em grupos focais. Aumentamos os salários dos professores no programa federal Fundef (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério).”

Apesar de todas essas melhorias, o analfabetismo continuava endêmico nas escolas de Sobral. “Em dezembro de 2000, testamos todos os alunos e ficamos chocados”, contou

Em Sobral,
combinaram persistência
e profissionalismo

Ivo. “Descobrimos que 40% das crianças, do primeiro ao nono ano, ainda não sabiam ler. Para enfrentar esse desafio, formulamos duas tarefas. A Tarefa Um era cortar o fluxo do analfabetismo, criando uma força-tarefa que garantisse que todas as crianças estariam aptas a ler na segunda série. A Tarefa Dois era separar as crianças das séries superiores que sabiam ler das que ainda não sabiam, criando cursos intensivos para os atrasados até que soubessem ler ao nível esperado para sua idade. Eliminar esse déficit levou três ou quatro anos, mas hoje não há mais analfabetismo escolar em Sobral.”

Sobral tinha 96 escolas municipais primárias, 67 delas na área rural. Muitas escolas rurais eram mal equipadas, com poucos alunos, fracas em gestão e ensino, sem supervisão. As 40 escolas menores tinham apenas 5% do total de alunos. Com um processo de nucleação, o número de escolas caiu de 96 para 38, com o transporte por ônibus das crianças das áreas mais distantes para escolas mais centrais, que desfrutavam de melhores instalações, ensino e gestão. Inicialmente, a nucleação das escolas encarou resistência nas comunidades. As principais razões para isso foram a redução do número de empregos de diretores e vice-diretores, e a necessidade de transportar crianças diariamente para outras localidades.

Consolidar a alfabetização num sistema escolar fracassado é um desafio que exige garra, profissionalismo e humildade durante vários anos. Essas qualidades que motivaram os educadores a reconhecer que precisavam de ajuda de fora para projetar e implementar uma estratégia abrangendo várias tarefas: (1) desenvolver novos materiais de ensino, (2) treinar e motivar professores e supervisores em aplicar novas práticas e rotinas em classe, e (3) avaliar os resultados com cuidado, em toda a rede, em cada escola, em cada sala de aula e com cada aluno. Realizar uma estratégia com esse nível de profundidade e detalhe exige um novo sistema de gestão escolar, e novos métodos de reconhecimento e recompensa aos professores produzindo os melhores resultados. Poucos sistemas escolares no mundo conseguem realizar reformas, e mantê-las por muito tempo, com esse grau de cuidado e intensidade.

Em 1997, Sobral entrou com outros 16 municípios no Acelera Brasil, um programa do Instituto Ayrton Senna, para reduzir a repetência crônica de ano. Mais tarde, entrou no Escola Campeão, outro programa Ayrton Senna, para melhorar a gestão escolar. Ajudado por consultores liderados por Edgar Linhares e João Batista Araújo e Oliveira, Sobral desenvolveu lições e avaliações cuidadosamente estruturadas e prescritas, dentro de duas estratégias básicas: reforço dos métodos de ensino e da gestão escolar. A rotina de aulas reconheceu que a concentração da maioria das crianças de sete anos numa tarefa se limita normalmente a só 15 minutos.

O calendário de ensino engloba uma sucessão de unidades temáticas, cada durando 15 dias. Os professores dos

primeiros anos participam de uma sessão de oito horas por mês para treinarem técnicas de alfabetização. As escolas gozam de autonomia na gestão, com responsabilidade pelos resultados. Os professores do 1º ano que conseguiam alfabetizar 75% dos alunos ganham um bônus de R\$100. Os alunos ainda analfabetos nos 2º a 4º anos formam classes separadas para ensino intensivo de leitura. Seis meses desse ensino especial eram insuficientes para muitos alunos lerem no nível esperado de sua série. Eles ficam mais tempo nas classes especiais até conseguir melhores resultados. Gradualmente, o número dessas crianças foi caindo, de 4.051 em 2001 para 3.048 em 2003 e 961 em 2004.

Sobral instalou um sistema para testar cada aluno semestralmente. Alunos especialmente treinados de uma universidade local testavam cada criança na leitura em voz alta com parágrafos, sentenças, palavras e sílabas. Os testes eram gravados em fitas-cassete e enviados para equipes de avaliadores, que analisavam também os testes escritos.

Os testes e avaliações externas mudaram a cultura das escolas. Os professores costumavam dizer que “a grande maioria das crianças sabe ler,” após passar a maior parte da aula escrevendo na lousa para as crianças copiarem. Quando as avaliações mostraram dificuldades, coordenadores pedagógicos marcavam visitas as aulas para observar e, mais tarde, discutir com os professores como melhorar. Superintendentes visitam cada escola duas vezes por mês, para verificar ausências, os planos de ensino, a limpeza e a merenda. Na escola primária Carlos Jereissati, encontrei um professor e um aluno, sentados no corredor, repassando lições de leitura. “O senhor vai ver isso em todas as escolas”, me disse o secretário Júlio César, “e não porque mandamos fazê-lo: estão eles mesmos construindo esse sistema, porque querem que as crianças aprendam. E quando as crianças não aprendem, conversamos com os professores. Os apoiamos e monitoramos. É esta a Mão Invisível que nos permite economizar e dispendir menos na correção do errado, a fim de investir mais na melhoria do ensino.”

Portanto, a Mão Invisível não é tão invisível assim, graças a uma motivação resoluto, e à estruturação e supervisão do esforço coletivo. Esse progresso ainda deixa grandes espaços a preencher, mas também essas falhas estão diminuindo. O desempenho nos testes padronizados nos quatro anos passados alcançou um nível muito acima das médias do Ceará e do Brasil. Esse sucesso foi elogiado por fundações e agências internacionais, famintas para celebrar histórias de êxito no ensino público. Mas os avanços também chamaram atenção para o que ainda precisa ser feito. A política educacional de Sobral foi adotada por todo o estado do Ceará e pelo governo federal. Outras comunidades poderão repetir as conquistas de Sobral somente com esforços claramente definidos e persistentes ao longo do tempo. Nesse sentido, Sobral ainda não é o Ceará, e o Ceará não é o Brasil. Os problemas de magnitudes e cultura política ainda nos desafiam.



5. O que aprenderam

Não havia esforço sistemático até os anos 90 para medir e entender os níveis de aprendizagem nas escolas brasileiras. Em 1992, após o surgimento de uma nova geração de líderes democráticos, a Secretaria da Educação do Ceará começou a testar uma amostra de 14.000 jovens das quartas e oitavas séries em 156 escolas de Fortaleza. Este esforço se expandiu gradualmente até se tornar um dos mais antigos sistemas de avaliação no Brasil, conhecido como SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará), que agora avalia os jovens em todas as escolas estaduais e municipais. O resultado inicial decepcionou. “Os resultados do SPAECE em 2003 e 2004 estavam abaixo das expectativas e não refletem os investimentos públicos na educação básica,” escreveu Sofia Lerche Vieira, ex-secretária de Educação (2003-2006). “Foi uma inovação com forte potencial para reverter a cultura do fracasso escolar. O trabalho de socialização dos indicadores envolve uma pedagogia de disseminação. Nada foi feito com intenção punitiva, mas sim para mostrar as dimensões dos problemas do ensino e do aprendizado, assim como mostrar as zonas de excelência.”

Com a disseminação global das tecnologias de informação, os sistemas escolares desenvolveram instrumentos sofisticados para avaliar o aprendizado em grande escala. Na América Latina, 13 repúblicas adotaram exames padronizados entre 1990 e 1998. Nas duas décadas iniciais dos exames SPAECE, o número de estados brasileiros com seus próprios sistemas de avaliação cresceu de dois para 20, provocando muitos debates sobre sua qualidade e impacto. Os resultados mundialmente divulgados do Programa

Internacional de Avaliação dos Alunos (PISA) da OCDE reforçam as críticas aos sistemas escolares. Os latino-americanos ficaram entre os piores em desempenho entre os estudantes de 15 anos dos 65 países testados em leitura, ciência e matemática. Em exames recentes do PISA, os brasileiros ocupam o 55º lugar em leitura e 58º lugar em matemática e ciência.

Desde 2007, o Ceará expandiu o SPAECE como fonte de informações públicas sobre aprendizagem nas escolas estaduais e municipais. Os testes mostram que as escolas têm uma montanha íngreme para superar.

O programa PAIC alcançou grandes avanços em leitura nos primeiros dois anos do ensino fundamental. Os alunos da segunda série das escolas municipais saíram da última categoria (analfabetismo) em 2007 para um nível intermediário em 2011, e caíram para o nível inferior apenas em 2012, ainda que oito das 20 regiões tenham subido para o nível intermediário. O progresso continuou nas quintas séries de escolas municipais, assim como o aprendizado de português e matemática subiu do último nível para o nível intermediário. A porcentagem de alunos nos últimos degraus da escada do aprendizado caiu drasticamente nos cinco anos de 2008 a 2012, diminuindo de 80% a 34% em matemática e de 60% a 32% em português. Todavia, começando na 9ª série, o aprendizado parecia parar, com a protuberância naquelas categorias mais baixas crescendo para 61% em português e para 76% em matemática, reforçando nossas próprias impressões com observações em sala de aula.

De acordo com o diretor de uma grande escola de en-

sino fundamental na cidade costeira de Camocim, “70% dos alunos da segunda série ainda não sabem ler, assim como muitos da sexta até a nona série. Falta-nos um método para avaliá-los com precisão.” Deficiências na estratégia de educação e nos conteúdos de sala de aula se tornam endêmicos da sexta até a nona série, onde até agora iniciativas de reforma foram negligenciadas. A estagnação nos resultados de testes continua no último ano do ensino médio, com as últimas categorias de ensino abrangendo dois terços dos alunos em português e 77% em matemática.

Altas taxas de fracasso contribuem para o abandono, junto com a baixa qualidade do ensino e do conteúdo de matérias das escolas regulares do ensino médio, em contraste às novas escolas profissionais. No Ceará, dois quintos das escolas secundárias estaduais tiveram taxas de abandono de 46% em média. O Banco Mundial relatou em 2012 que 20% dos estudantes em escolas brasileiras repetiram de ano, a pior média de repetência na América Latina.

Oficialmente, as escolas brasileiras deveriam ter 200 dias letivos ao ano. Porém, o número diminui devido a ausências frequentes dos professores. Se ausentam das aulas por licença médica, por assuntos pessoais ou treinamentos externos, além de quando as escolas mandam os alunos de volta para casa para permitir que os professores executem tarefas burocráticas. Num estudo detalhado sobre o ensino praticado em salas de aula em países latino-americanos, o Banco Mundial concluiu que “os sistemas escolares não estão focados na questão do tempo de instrução.” Atualmente, os professores brasileiros usam apenas 64% do tempo de aula ensinando, contra uma referência mundial de 85%, reconhecendo que esta média esconde uma ampla gama de qualidade e tempo de ensino dentro dos distritos escolares e das escolas individuais. “A média de tempo desperdiçado em 200 dias letivos mostra que os alunos perdem 20 dias de aula,” observaram os pesquisadores. “Mais que a metade dessas perdas ocorrem porque os professores estão fisicamente ausentes, chegam atrasados, saem mais cedo ou fazem outras coisas durante a aula.”

Os problemas de administração persistem. Alessandra Dalmássio Sanches, 34, nova diretora da Escola de Ensino Fundamental Irmã Simas, na periferia de Fortaleza, luta para manter os professores nas salas. “Faltam professores porque alguns estão fazendo mestrado, se aposentaram ou pegam atestado médico para faltar,” diz Alessandra. “Nossa escola tem três turnos. Nesta tarde temos 12 salas cheias de alunos, duas delas sem professores. De manhã tivemos quatro salas do mesmo jeito. A Secretaria da Educação Municipal eliminou o cargo de vice-diretor em escolas pequenas. Então eu entro nas salas de aula para ensinar assim



*Alessandra Dalmássio Sanches,
diretora, Fortaleza*

como os coordenadores, que supostamente deveriam planejar e supervisionar a prática docente. De três cozinheiras que temos, duas faltaram hoje. Eu faço a contabilidade da escola, recebo as encomendas, me reúno com os pais para falar sobre as brigas entre alunos. Estou na escola em dois dos três períodos, manhã e tarde ou tarde e noite. Quando não estou na escola pela manhã, as ausências dos professores aumentam. Eu gosto de desafios, mas estes são difíceis”.

O programa de alfabetização do PAIC enfrenta desafios nas primeiras séries do ensino fundamental em cidades como Quixelô (população: 15.000) uma das menores comunidades emancipadas para se tornar município independente no processo de democratização dos anos 80 e 90. Visitei Quixelô para assistir a um treinamento para professores municipais com as aulas suspensas no dia. O evento consistiu numa série de discursos políticos entediantes para professores e outros funcionários que ocupam a arquibancada da quadra de esportes. Quando eu disse para um coordenador regional que estes encontros parecem uma perda de tempo, ele disse que os professores preferem ouvir discursos políticos a darem aulas. Em todo o Brasil, as autoridades de educação tiram os professores das aulas para treinamento em massa, sem qualquer acompanhamento posterior ou efeito prático.

Apesar de ser município pequeno, Quixelô apresenta nas suas escolas uma média em testes próxima à média do estado e maior que da capital, Fortaleza. Entretanto, a politicagem local retarda o processo de ensino e aprendizagem. “Treinamos os professores e visitamos as salas de aula para ver se o que aprenderam está sendo aplicado”, diz Idelúcia Cândida, 42, que supervisiona o programa de alfabetização do PAIC em Quixelô. “Monitoramos a leitura e a escrita mensalmente, avaliando o progresso de cada aluno e junto aos professores. Os resultados dos testes mostram que existe um bloqueio no aprendizado após a terceira série que aparece nos resultados da quinta série. Em pequenos municípios como o nosso, a direção das escolas muda a cada quatro anos após eleições locais, com muitas manobras políticas. Novos professores vêm sem experiência em ensinar crianças a ler e escrever. Muitos só deram aula para as oitavas e nonas séries. Então caímos novamente. Após progredir até 2010, caímos em 2011 e 2012, com apenas 48% de nossos alunos capazes de ler e escrever em 2012.”

José Luiz Lopes, supervisor do PAIC e ex-secretário da Educação do município de Orós, confirma essa visão: “A fragilidade no ensino da alfabetização fica na alocação de professores sem capacidade para trabalhar individualmente com as crianças, assim optando por exercícios em massa. O grande problema está na tenta-

tiva de ensinar vários níveis na mesma sala. Uma coisa útil feita pelo governador foi colocar os resultados dos testes em códigos de cores. Assim todo mundo sabe que vermelho significa fracasso e que verde escuro é excelência, ficando claro como vai a escola. Há ainda muitos conflitos com os prefeitos sobre nomeações de

professores. Ainda não conseguimos a continuidade dos esforços. De um ano para outro, ou frequentemente dentro do mesmo ano escolar, há mudanças abruptas com trocas de diretores e professores. Precisamos visitar continuamente as salas de aula para ver como acontece o ensino.”

6. Educação e democracia

O desenvolvimento da educação pública no Ceará, como no resto da América Latina, tem sido uma longa luta com resultados mistos e lentos, unido ao avanço da democracia, acordando esperanças persistentes de progresso econômico e redenção social. A escolaridade cresceu junto ao voto popular nos países ocidentais e no Brasil, entre outras repúblicas da América Latina.

A expansão mundial da educação pública atingiu seu clímax nas últimas décadas do século 20. Até os anos 50, muitas crianças européias começavam a trabalhar após terminar o curso primário. O ensino secundário era, sobretudo, para as classes média e alta. Nos últimos 50 anos a América Latina aumentou maciçamente suas matrículas escolares, numa escala que os países ricos demoraram dois séculos para atingir.

“A difusão dos direitos democráticos do votar é uma das principais razões pelas quais algumas nações avançaram na área educacional e outras ficaram para trás”, observou Peter Lindert em seu estudo *Growing Public: Social Spending and Economic Growth since de Eighteenth Century*. Os países pobres atrasaram cerca de um século frente aos países ricos em sua escolarização. Lindert afirmou que “as diferenças na escolarização básica constituem uma das chaves das desigualdades de renda globais”. E acrescentou que “a taxa de retorno social dos anos adicionais do ensino primário é muito mais alta hoje no Terceiro Mundo do que qualquer retorno ao ensino superior nos mesmos países, ou as taxas de retorno em qualquer nível de escolarização nos países de alta renda”.

Nos últimos dois séculos os avanços na educação em todo o mundo acompanharam os aumentos da renda per capita, os declínios em mortalidade, a melhor nutrição, a concentração de populações em cidades e grandes centros urbanos, o fortalecimento do papel social e econômico das mulheres e a difusão dos meios de comunicação em massa, tanto impressos como eletrônicos. No Brasil, os anos de escola aumentaram desde 1 ano em média em 1920, para 3,8 anos em 1970, dobrando para 7,5 anos em 2010. A renda real per capita cresceu dez vezes desde 1900 e a população 12 vezes. Mas o Produto Interno Bruto (PIB) per capita ficou entre um quarto e um quinto dos níveis dos países ricos, como ficou no século anterior, apontando problemas importantes de produtividade na educação.

A educação moderna precisa ser útil para florescer. As

escolas do Ceará seguem um caminho já percorrido pelos países avançados há mais de um século. Eugen Weber descreveu este processo em sua obra *Peasants into Frenchmen: The Modernization of Rural France, 1870-1914*:

As pessoas iam à escola não porque lhes era oferecida ou imposta, mas porque era útil.... Foram as circunstâncias vigentes que tornaram as instalações adequadas e os professores mais acessíveis; que propiciaram as estradas para as crianças irem à escola; e que, sobretudo, tornaram a escola importante e produtiva, uma vez que o que ela oferecia fazia sentido em termos das mudanças de valores e percepções.

Como nas escolas rurais do Ceará nos anos 80 e 90, na França, no final do século 19, “a sala de aula estava praticamente em ruínas,” segundo Weber e “tanto o professor como os alunos ignoravam o material do ensino. A capacidade de traçar letras ou pronunciá-las superava sua capacidade de compreensão.” Boa parte da população rural falava apenas dialetos locais e mal entendia o francês. As matrículas escolares multiplicaram rapidamente após a Terceira República que tornou obrigatório o ensino primário em 1882. No entanto, a França em 1950 contava com apenas 32.000 alunos formados em escola secundária, enquanto na Itália só 5% concluíram.

A Rússia emancipou seus servos em 1861, quase três décadas antes da abolição no Brasil. Nas quatro décadas antes da Primeira Guerra Mundial, o número de escolas primárias na Rússia quintuplicou, em grande medida sob administração local, e a alfabetização disparou. Como no Ceará hoje, o desenvolvimento da educação na Rússia Czarista acompanhou os avanços na liberdade e condições materiais. Segundo o historiador Jeffrey Brooks em *When Russia Learned to Read*, “novos utensílios, ferramentas e equipamentos surgiram entre as classes mais pobres em toda a Rússia, adquiridos por gente que procurava uma vida melhor.” As novidades incluíam arados de ferro, telhados de zinco, fogões feitos de tijolos, vestidos e sapatos feitos em fábricas. Uma explosão da literatura popular curtiava temas religiosos, romances e aventuras.

Na virada do século 20, eventos como o massacre de Canudos em 1897 e a Revolução Mexicana em 1910, inspiraram movimentos voltados para a educação das populações



Ex-presidente do México Lázaro Cárdenas (1934-40) em uma escola rural, nas montanhas do estado de Oaxaca, 1967

analfabetas na América Latina. “Redimir o índio, educar as massas”, foi o slogan da Revolução Mexicana proclamado por José Vasconcelos, que fundou o Departamento Federal de Educação em 1921 e enviou “missões culturais” para as comunidades indígenas. Os eventos no México deram impulso aos movimentos indigenistas no Peru e Bolívia. Em seu clássico *Sete Ensaios sobre a Realidade Peruana* (1928), José Carlos Mariátegui, ídolo do marxismo peruano que escreveu muito sobre educação, retratou na época uma realidade similar às escolas no Ceará:

O problema do analfabetismo fica intacto. O Estado era incapaz de criar escolas em todo o território nacional. A diferença entre o tamanho da tarefa e os recursos disponíveis é enorme. Faltam professores para o modesto programa de educação popular previsto no orçamento. Menos de 20% dos professores são formados em escola normal [...] A carreira do professor de escola primária, sujeito aos insultos e à contaminação dos donos de terras e os caciques políticos, é miserável, sem nenhuma estabilidade.

Sucessivas constituições brasileiras proclamaram a educação como direito humano básico. Embora 132 países consagrem a educação como direito constitucional, os estudiosos acham que estas garantias legais pouco valem na prática. As autoridades educacionais no Ceará tentam vencer a cultura do fracasso escolar, que pouco exigia das escolas, dos professores e dos alunos. Para pesquisadores do Banco Mundial, “a relação entre anos de escola e o crescimento econômico cai a quase zero quando é introduzida a qualidade da educação, medida pelas notas médias em testes internacionais padronizados. É a qualidade da educação que pesa nos benefícios econômicos da escolarização”.

Nos primeiros anos da Primeira República (1889-1930), o Estado do Ceará matriculou apenas 7,3% das crianças em idade escolar, menos do que na Rússia Czarista, porém muito mais do que na China e Índia na época. Os alunos na escola primária no Brasil aumentaram de dois milhões em 1982 para 35 milhões em 2001, recuando para 30 milhões em 2012 devido à queda da natalidade. Em 1932 havia apenas 56.208 alunos matriculados nos cursos secundários no Brasil inteiro, crescendo para mais de oito milhões em 2012.

Tudo começou precariamente. Em 1845, um liceu público foi aberto em Fortaleza para alunos do secundário. Vinte anos depois havia somente 207 alunos, dos quais 140 assistiam às aulas e apenas 10 foram aprovados nos cursos. Até 1888, pouco antes da queda do Imperador Pedro II e a Proclamação da República, o número de escolas primárias e alunos haviam multiplicado quase sete vezes. No entanto, alguns dados foram inflados e muitas escolas funcionavam em casas de professores com poucos alunos comparecendo.

No início da década de 30, o governo federal começou a transferir recursos para as escolas municipais e estaduais, nutrindo o clientelismo político que cresceu rapidamente após o fim do regime militar em 1985. À medida que as transferências federais cresceram, o número de municípios proliferou de 1.574 em 1940 para 5.563 hoje. Em 1987, o ministério da Educação concluiu que apenas metade dos recursos enviados para o Nordeste chegavam às salas de aula. No Ceará, dados oficiais indicavam que um número muito maior de pessoas recebia merenda escolar do que o número efetivo de alunos.

As matrículas escolares no Ceará mais que triplicaram nas duas décadas após 1945. O número de escolas multi-

plicou quase cinco vezes. Mas 60% das crianças em idade escolar ficaram fora das salas de aula. O número de matriculados cresceu 50% até 372.000, apenas no período entre 1962 e 1966, ajudado pela USAID, propiciando um forte aumento de funcionários, muitos contratados por indicação política. Entre 1978 e 1984, o número de professores no Ceará cresceu 80%, provocando denúncias de excesso de contratações. Não obstante muitas escolas continuavam sem professores. O regime militar criou um sistema de universidades federais, no modelo das universidades estaduais dos Estados Unidos, o que quadruplicou o número de vagas disponíveis para estudantes.

No confronto com dificuldades, as longas lutas produziram alguns educadores excepcionais. Elival Pereira, 40, nasceu na roça do município de Jucás, o mais novo de nove filhos. Foi diretor das novas escolas profissionalizantes de Jucás e Iguatu. “Conclui a quinta série com 15 anos de idade e a nona com 18,” disse. “Ingressei na universidade aos 22, após estar lecionando há quatro anos. Dava aulas oito horas por dia e durante cinco anos viajava todas as noites num pau de arara para estudar num curso de extensão em literatura na universidade pública. Foi um desafio e um estímulo para mim. Quando você deve alcançar alguma coisa na vida, isto já fica claro quando criança. Quando era pequeno gostava de estudar. Brincava de professor, apesar de ser difícil estudar porque haviam poucas escolas na década de 80. Comecei a lecionar quando ainda frequentava o ensino médio. Simplesmente imitava os professores mais velhos. Foi difícil porque muitos alunos tinham minha idade, alguns até mais velhos. Muitos não me levaram a sério nas aulas de matemática, ciência e geografia. Mas acabamos nos acostumando uns com os outros e fui convidado para dar aula em outras escolas.”

Em meados da década de 90, o governo federal ampliou as aulas pela televisão, o Tele Ensino, que operou como experimento desde os anos 1970. Por falta de outras opções, Elival Pereira e Josimar Saraiva, hoje diretora da escola profissional de Quixeramobim, aproveitaram a oportunidade. “Estudei o primário pelo Tele Ensino e depois ensinei no Tele Ensino,” disse Elival. “No Tele Ensino dei aulas de tudo. Depois de assistirmos à aula pela TV eu iniciava uma discussão. O grande problema era quando o sinal caía durante um temporal. Mais tarde o ministério gravou as lições e nos enviava videocassetes. Gostava do Tele Ensino quando aluno. As lições eram cuidadosamente cronometradas. Depois haviam discussões, com as quais aprendi muito. Como professor acho que contribuí para o Tele Ensino. Trabalhar com TV não foi difícil. O problema era o conteúdo. Eu era formado em literatura, mas tinha de dar aulas de matemática e física. Estudei muito para dar aulas em que alunos aprendessem. Ficamos limitados pelos livros de estudo na sala de aula no quanto poderíamos criar. Precisamos de algo mais profundo, como os Círculos de Leitura, que reforça o trabalho da escola. Quando você

desafia o aluno, mesmo que reconheça suas limitações, ele sentirá que vai progredir. Ele diz para si mesmo: “O professor acredita em mim. Acredita que consigo ler isto, que consigo falar sobre isto na aula, que consigo escrever a respeito de tudo isso.”

O novo Índice de Oportunidades da Educação Brasileira (IOBE) cataloga quatro municípios do sertão do Ceará entre os dez primeiros dos 5.570 municípios do Brasil. Desenvolvido por Reynaldo Fernandes, ex-presidente do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), o novo índice de oportunidades da educação sintetiza dados de testes padronizados, fatias de alunos matriculados e promovidos desde a pré-escola até o ensino médio, horas passadas em aula, duração da permanência e experiência dos diretores e nível educacional de pais e professores.

O líder entre todos os municípios brasileiros foi Sobral, que nas duas últimas décadas tem desfrutado de uma estabilidade política e atuou como pioneiro na reforma do ensino. Os três outros municípios do Ceará nos dez primeiros do ranking são pequenas cidades com baixa renda per capita: Groairas (10.487 habitantes), Porteiras (15.010) e Brejo Santo (48.056). Três outras cidades do Ceará foram incluídas entre as 100 primeiras no ranking do IOBE. Tentamos relacionar os rankings do IOBE de todos os 184 municípios do Ceará de acordo com seu tamanho, renda per capita, taxas de homicídio e posições no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) das Nações Unidas. Encontramos uma grande diversidade de experiências e pouca relação destes indicadores, colocando a excelência educacional como fora de série.

O que concluímos desta análise é que existe uma forte influência de equipes de educadores, excepcionalmente dedicados, em escolas e secretarias locais, na conquista de resultados positivos na aprendizagem em pequenos municípios, implementando métodos, objetivos e incentivos desenvolvidos pela Secretaria Estadual da Educação.

As deficiências institucionais e a pobreza impedem que a maioria dos municípios menores arrecadem impostos locais. “O que faz a diferença na educação é a capacidade dos municípios administrarem os recursos que recebem, especialmente os fundos transferidos pelo governo federal, independentemente da arrecadação local de impostos”, diz Cidinha Lamas, coordenadora dos Círculos de Leitura, do Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial em 30 municípios cearenses. “Muitos municípios pequenos, como Groairas e Porteiras, têm um desempenho muito melhor do que outros maiores.”

Sobram muitas anomalias. Brejo Santo, no sertão sul do Estado, ocupa o 10º lugar no ranking do IOEB, com uma longa história de lutas entre clãs e muitos homicídios (39 para cada 100.000 habitantes). O que faz a diferença parece ser a liderança e o trabalho em equipe dos educadores. “Coloquei a educação no centro das minhas

prioridades políticas por causa do seu impacto em outros setores da vida local,” afirmou o prefeito Guilherme Sampaio Landim, médico que recebeu um prêmio por elevar o índice de aprendizagem em leitura e matemática nas escolas locais para o dobro da média nacional. Brejo Santo, juntamente com outros municípios cearenses, registrou grandes avanços sociais desde 1990, quase dobrando sua classificação no IDH, com progresso na longevidade, renda e educação. A porcentagem de adultos que concluíram o ensino fundamental aumentou de 17% em 1991 para 46% em 2010, ao passo que o percentual de jovens na faixa dos 18 a 20 anos que concluíram o ensino médio pulou de 7% para 36%. Ainda assim fica um grande déficit tanto na abrangência como na qualidade do ensino.

Outra anomalia é Tabuleiro do Norte (30.000 habitantes), numa região de solo arenoso, um empório caminhoneiro com altíssimo índice de homicídios (75/100.000). As gangues locais clonam cartões de crédito e traficam crack. Alto-falantes montados em carros circulam pelas ruas elogiando as qualidades das prostitutas adolescentes, muitas delas forasteiras recém-chegadas, enquanto as meninas aguardam nas paradas de caminhões, motéis e alcovas discretas na principal rodovia que liga Fortaleza ao sul do Brasil. A juíza local fugiu após receber ameaças de morte e não foi substituída. As taxas de formação nas escolas continuam baixas, porque há poucas oportunidades de emprego que justifiquem o aprendizado. Muitos jovens deixam a cidade para buscar trabalho. Mas há avanços. Tabuleiro fica aci-



Elival Pereira, diretor

ma da média no índice IOEB entre municípios do Ceará e no plano nacional está nos 25% mais alto. “Enquanto no passado poucos dos nossos alunos entravam em uma universidade, hoje são muitos”, diz Albert Einstein Freitas, diretor da escola profissional Avelino Magalhães, em Tabuleiro. “O ensino em tempo integral oferece aos alunos novas oportunidades que os mantêm longe da violência e do crime. É por isto que tantas famílias querem que seus filhos estudem em nossa escola.”

No geral, o Ceará está em quinto lugar entre os 26 estados nas oportunidades de educação e em segundo lugar em homicídios. Os outros estados do Nordeste, também pobres e violentos, ocupam oito das 11 posições mais baixas no Índice de Oportunidades da Educação Brasileira.

Assim, as escolas do Ceará trazem boas e más notícias. Vemos progresso. Os esforços em reformas devem continuar apesar das incertezas políticas e fiscais, para que as pessoas possam continuar a viver vidas melhores e desenvolver um olhar favorável ao futuro. O desenvolvimento humano ocorre quando os indivíduos e as instituições enfrentam os desafios e exercem as responsabilidades. Nos tempos modernos, ler, escrever e fazer contas são ferramentas que diferenciam tribos e civilizações. Realizar uma estratégia para valer na educação demanda tempo e paciência. O custo de avançar e aprofundar na qualidade do ensino público seria muito menor que o custo de um retrocesso. A evolução dos padrões de vida giram em torno de duas perguntas: “O que você sabe? O que você pode fazer?” ■